



**Universidade Federal de Santa Catarina**  
**Centro de Filosofia e Ciências Humanas - CFH**  
**Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades – NIGS**  
**Graduanda: Emília Haline Dutra**

Seminário Memória e Visibilidade de Lésbicas e Mulheres Bissexuais.



Nos dias 19, 20 e 21 de agosto de 2015, no Auditório do Museu Histórico de Santa Catarina, com sede no Palácio Cruz e Souza localizado na praça XV de novembro no centro de Florianópolis, realizou-se o primeiro Seminário Memória e Visibilidade de Lésbicas e Mulheres Bissexuais. As atividades do encontro integraram o calendário do Mês da Diversidade de Florianópolis e contou com debates sobre Feminismos, Memória do Movimento e Políticas Públicas.

A proposta do seminário foi reunir mulheres de diversas partes do Brasil, para um resgate da história do movimento lésbico, que começou a se estruturar em meados dos anos 70 e 80, nascendo principalmente a partir da não representatividade dessas mulheres no movimento LGBT, antigamente conhecido como GLS. Diversos coletivos do movimento de lésbicas de todo o país, professoras, alunas, pesquisadoras e ativistas, se reuniram neste três dias para discutir estratégias, lembrar as trajetórias e principalmente registrar as conquistas que o movimento vem acumulando ao longo desses aproximadamente 40 anos.

Percebendo a falta de discussões e a escassez de pautas que de fato contemplassem suas angústias, questionamentos e demandas, o movimento de mulheres lésbicas enfrentou muitos embates para elaborar as organizações que hoje conhecemos e podemos acessar como a “LBL- Liga Brasileira de Lésbicas”, a “Rede Sapatá”, a

“ABL- Associação Brasileira de Lésbicas”, a “ABGLT- Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais”, a “Rede Trans” e várias outras organizações, algumas delas representadas através de suas integrantes neste seminário, que vindas da Bahia, Paraíba, Brasília, Rio de Janeiro e outros estados ali presentes, davam início a esse encontro histórico. Histórico não por acaso, curiosamente percebemos logo no início de nossas atividades que a maioria das mulheres ali, eram professoras de História.

Na abertura do evento na tarde de terça-feira, Carla Ayres do “Grupo Acontece - Arte e Política LGBT de Florianópolis” deu início à apresentação da mesa composta por Dalva, que é coordenadora da Secretaria de Mulheres do município, colocando a disposição a coordenadoria da mulher enquanto a coordenadoria de Lésbicas e Bissexuais ainda não foi criada. Também estavam presentes o presidente Dirceu Dresch da Comissão de Direitos Humanos de Florianópolis, que falou sobre as dificuldades de fortalecer a luta pelos direitos humanos e LGBT aqui no estado de Santa Catarina, e a diretora Irina Bacci do Departamento de Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, que realçou os contextos de luta que a secretaria enfrenta atualmente como discussão acerca da PEC 171 que reduz a maioria penal, a grave polêmica sobre a suposta “ideologia de gênero” que faz menção à palavra gênero nos Planos Nacionais de Educação – PNE, regionais e municipais, lembrando também profunda problemática que o contexto político democrático brasileiro vive, à exemplo das manifestações do dia 16/08 que pediam o impeachment da presidenta Dilma Rousseff, em um protesto permeado por ódio e misoginia expressos em seus cartazes e faixas.

Nossa primeira roda de discussão foi sobre “Feminismos” e as diversas formas que o movimento assume, assim como suas linhas de ativismo. Sentamos em uma roda espalhada pela sala do Museu Histórico, algumas de nós se ajeitaram pelo chão com as almofadas estampadas de Guilhermina, integrante do “Grupo Acontece” de Florianópolis, forradas de camisetas antigas de eventos ligados à diversidade. Achei fantástica a ideia de dar uma nova vida às camisetas que tão carinhosamente guardamos de recordação dos eventos da vida fora. Mais ainda, como elas harmonicamente se relacionavam com toda a discussão travada por nós ali.

Fizemos uma breve apresentação das aproximadamente 40 participantes que estavam ali, e percebemos uma maioria de professoras (algumas delas da rede de ensino de Florianópolis) principalmente da área de História, algumas da Biologia, e demais estudantes da graduação, mestrado e doutorado da UFSC e UDESC. Também estavam algumas do Ensino Médio, fator que achei super significativo, e apenas dois homens que se declararam gays e eram integrantes do “Grupo Acontece” que idealizou e organizou o evento em parceria com a ALESC.

Gleidiane, doutoranda em História na UFSC e integrante da “Marcha das Vadias de Florianópolis” deu início aos diálogos destacando o que ela considera como “perigo”

do feminismo de modinha (entendendo a grande visibilidade que o movimento atingiu á alguns anos, principalmente com a militância através das redes sociais) e, questionando qual o projeto político de feminismo que temos em mente para nossas vidas.

Dando continuidade, Verônica Lourenço militante do movimento de Mulheres Negras que atua na “Rede Sapatá” de João Pessoa – Paraíba, falou sobre as diferenças regionais das mulheres do nosso país que demonstram as particularidades do movimento feminista, assim como de seus projetos políticos. Ela nos lembrou de como durante anos, a história do feminismo renegou as mulheres lésbicas, justamente por “lésbica” significar durante muito tempo inclusive ainda nos dias de hoje, uma palavra pejorativa utilizada negativamente como xingamento as feministas, mulheres que supostamente carregavam “ódio” aos homens e necessariamente, eram lésbicas – o que não se confirma na prática.

Uma frase muito marcante que Verônica disse ficou gravada em minha memória, fazendo referência à escritora e ativista estadunidense negra Alice Walker, ela disse que “A minha língua, fala pela boca de minhas irmãs”, em menção a história e ancestralidade silenciadas das mulheres negras. Verônica também enfatizou a contradição de estarmos em uma sociedade em que ainda precisamos reivindicar uma identidade – seja enquanto mulheres, negras, lésbicas ou outras para sermos reconhecidas enquanto sujeitas, e ressaltou a necessidade de discutirmos enfrentamentos efetivos contra as violências lesbofóbicas.

Durante esta tarde, pudemos ouvir várias outras histórias também de Amélia Maraux e Eide Paiva do movimento lésbico da Bahia através da LBL, de Irina Bacci e os enfrentamentos dentro do setor público na Secretaria dos Direitos Humanos da República, os depoimentos como o de Aline Dias que veio de São Paulo cursar o mestrado em História na UDESC, e que enfrenta diariamente situações de racismo e lesbofobia dentro da universidade, somadas as dificuldades de permanência em um curso de pós-graduação, ainda que público.

Também pautamos as situações e casos recentes de estupro e violência contra as mulheres, como as denúncias de estupros coletivos que acontecem em um dos bares ao redor da UFSC, assim como os correntes episódios de transfobia que perseguem alun@s trans aqui na universidade de Santa Catarina. Uma situação presente em outras universidades como pude ter conhecimento através do professor Richard Miskolci da UFSCar, que em visita à UFSC neste semestre, nos relatou casos de ativistas que são contra as pessoas transexuais e contra o gênero na universidade de São Carlos - SP. Tópicos que fomentaram um debate construtivo e que mais uma vez, proporcionaram mais perguntas e indagações do que respostas verdadeiramente.

Em meio á cafés e deliciosos salgadinhos como petisco, nossa tarde de discussão deu abertura a esse resgate de uma história que diz respeito a todas nós, envolvendo militância, amores, caminhadas, embates e, sobretudo uma busca por reconhecimento.

O segundo dia de seminário iniciou no período da manhã, discutindo mais precisamente sobre o movimento lésbico e estratégias de visibilização da memória. Nossa roda, um pouco menor que a do dia anterior contava com aproximadamente 17 mulheres. Carla Ayres abriu a fala contando sobre sua trajetória enquanto lésbica e militante, e o quanto essas duas coisas estão implicadas. Segundo Carla “as divergências dentro do movimento também constroem”, fazendo alusão principalmente a sua caminhada junto com Yone, uma das primeiras ativistas e organizadoras do movimento de lésbicas do Brasil. Carla destacou algo que considerei muito pertinente, o quanto sexualidade e militância estão relacionadas e se constroem conjuntamente, e especialmente por isso, como todo esse turbilhão que diz respeito não somente as nossas lutas sociais, mas as nossas próprias batalhas individuais e subjetivas, também nos tira o eixo e nos “enlouquece” de certa forma.

Também estava presente Carmem Luiz, que entrou para a LBL quando a Liga foi fundada no III Fórum Social Mundial, em janeiro de 2003 em Porto Alegre. Ela nos conta que desde a infância “todo mundo sabia que eu era lésbica, menos eu!”, e manifestou uma de suas dúvidas iniciais anterior a sua vinda para o Seminário. Afinal, qual a intuição de se resgatar a história do movimento? Ela conta que chegou em uma rápida conclusão, entendendo o quanto esse não resgate é negativo para militância e para a trajetória de conquistas históricas que o movimento alcançou. Para ela, esse resgate da história é muito importante justamente para termos consciência das lutas, vitórias e ganhos que o movimento vem atingindo.

Outro de seus questionamentos residia na palavra que costumeiramente utilizamos em nossas pautas de luta, o conceito de “diversidade”. Ela diz que a palavra diversidade que vem de “diverso”, quer dizer o outro, o que se põe no lugar da diferença, da contracapa, e completa dizendo “eu não quero ser a contracapa, eu quero ser a capa!”. Para Carmem, devemos problematizar a palavra “diversidade” e visibilizar mais as siglas LGBT, que não universalizam os sujeitos envolvidos e dão nome a essas pessoas. Ela também questionou sobre o real impulso que nos motiva a nos juntarmos enquanto pessoas LGBT, impulso que de acordo com ela, não diz respeito apenas do fator sexualidade por si só, uma vez que incluímos no movimento pessoas trans que são heterossexuais, ou pessoas bissexuais. Carmem considera que o real motivo dessa união reside no sofrimento e a discriminação que essas pessoas sofrem.

Ela ressaltou o quanto nosso código civil assim como nossa gramática e linguagem privilegiam o masculino ao utilizar categorias universalizantes como “homens” ou “pessoas” nos documentos e discursos, e como isso vem mudando gradativamente ao longo dos tempos. Por fim, ainda em relação à questão geracional e suas mudanças, ela fala um pouco das próprias nomeações designadas às mulheres lésbicas. “Nós lésbicas fomos durante muito tempo “as entendidas”, depois passamos a ser “as gays”, “as homossexuais” e só hoje podemos ser “lésbicas!””.

Na sequência, Yone que veio Rio de Janeiro contou sua trajetória, começando com toda a franqueza: “se assumir em 1978 era dar um tiro no pé!”. Ela nos contou sobre suas imersões nos primeiros encontros em que se reuniam pessoas homossexuais, e relembrou muitos de seus incômodos nesses espaços majoritariamente composto por homens gays. Foi ela uma das fundadoras do primeiro grupo de mulheres lésbicas do Rio de Janeiro, também ressaltou a dificuldade no diálogo com as feministas da época, fator que ficou perceptível em 1995 com a criação da BGLT, onde todas as lésbicas tanto do movimento feminista, como dos movimentos mistos homossexuais estavam presentes, se reunindo por uma pauta única, que de fato nunca antes fora contemplada nos outros movimentos. Ela relembra que o primeiro Seminário Nacional de Lésbicas do RJ em 1996, um evento muito marcante que trouxe a dimensão da grandeza que o movimento de lésbicas vinha conquistando.

Edi Paiva nos falou um pouco sobre sua atuação no movimento de lésbicas da Bahia, sempre contextualizando seu lugar de fala no movimento que é majoritariamente composto por mulheres negras, geralmente de regiões e classes sociais menos favorecidas, uma realidade muito distante da sua sendo uma lésbica branca e universitária. Ela realçou a importância da articulação entre Estado e os movimentos sociais, e o quanto este diálogo tem contribuído no contexto da Bahia.

Mais uma vez a questão problemática dos grupos mistos foi levantada por Edi e Carmem. Elas falaram sobre as dificuldades de se construir os debates que dialogassem entre si, e especialmente, a impasse do não reconhecimento da atuação das mulheres no movimento. Um dos diálogos entre Yone, Carmem e Edi na roda, elas falaram que “As mulheres sempre tiveram protagonismo no movimento LGBT, e ninguém fala sobre isso”; “Foram nós mulheres e lésbicas que cuidavam dos nossos amigos com HIV, quando suas famílias os abandonavam. Eram em nossas casas que nos reunimos e discutimos as pautas do movimento e isso nunca foi levado em conta quando se tratava de ocupar cargos e delegar funções”; “Os princípios feministas são os mesmos, o que mudam são as expressões”.

Para Edi, embora mesmo depois das lésbicas terem saído do movimento LGBT, e terem criados grupos e organizações específicas, essa história precisa ser contada a partir das construções, e não das rupturas dentro do movimento.

Verônica que neste dia era a única mulher negra presente, nos contou que se considera no movimento negro desde os 13 anos. Ela desde pequena apesar da oposição de algumas pessoas, sempre gostou de seu cabelo crespo, “meu cabelo é minha identidade”, e se lembra com muito pesar da primeira vez que passou por um processo de alisamento contra sua vontade, aos 5 anos de idade. Narra sua história lembrando que aprendeu o que era racismo e machismo dentro de casa, tendo mãe branca casada com um homem negro, que durante anos foi próprio agressor de sua mãe. “Meu pai era meu herói... e como foi duro, apesar de toda minha herança ancestral, odia-lo”. Sua família era praticamente dividida entre os filhos do primeiro casamento (branc@s e legítimos) e o

do segundo casamento, incluindo ela (negr@s e bastardos), e como toda essa cotradução trazia conflito inclusive entre seus próprios irmãos. Foi surpreendente uma das histórias que ela trouxe de sua adolescência, onde era proibida de falar em voz alta, ou contar para alguém que estava menstruada, “tinha que ficar praticamente escondida nesses dias! olha que absurdo, eu nunca entendia isso... rs”.

Escutar novamente Verônica foi emocionante, perceber mais uma vez como realmente não temos dimensão das particularidades e dos processos individuais que nossas companheiras de luta negras vivenciam é uma experiência que todas nós deveríamos nos preocupar em sentir. Em um dado momento ela nos contou de onde vinha seu sobrenome “Lourenço”, que diferentemente de nossos sobrenomes, não carregava herança de uma família ou de algum nobre, e sim, marcava o nome da fazenda onde seus familiares ancestrais foram comprados como escravos.

Durante a tarde, nossa roda de conversas discutiu Educação e combate à Lesbofobia, e Políticas Públicas para o combate à discriminação. Amélia iniciou o debate apontando o quanto nossos currículos escolares que são brancos e higienizados prevalecem nas salas de aula. Para ela, a luta contra a suposta “ideologia de gênero” é na verdade, uma luta contra a população LGBT, e especialmente contra as mulheres. “É muito mais um projeto misógeno, e de invisibilização das mulheres do que qualquer outra coisa”. A representante do NEPRI - Núcleo de Prevenção a Violência da prefeitura de Florianópolis estava presente nesta tarde, e falou sobre a proposta Curricular de Santa Catarina que traz como um de seus princípios básicos, o respeito à diversidade. Em nossa roda de conversa, vários pontos foram elencados em relação às leis, os marcos legais e suas reais conquistas efetivas na prática.

Nossa discussão situou-se principalmente na formação que @s futur@s professor@s recebem das universidades, e como a academia simplesmente não trabalha o gênero em seus currículos voltados a formação em licenciatura. Professor@s que saem totalmente despreparados para o mercado de trabalho e encontram dificuldades em abordar esses temas em sala por esse e outros fatores, religiosos, morais, pessoais e institucionais. Para nós que estávamos reunidas ali, todo esse movimento de inclusão do gênero nos PNE, deveria começar primeiramente nos currículos formativo das licenciaturas, para então, ganhar força e ser aprovado nas agendas governamentais dos Planos Nacionais de Educação.

Foi extremamente elucidativo e motivador ter participado de dois desses três dias de Seminário (o último encontro contou com a exibição do Documentário "Cassandra Rios: a safo de perdizes", em parceria com o #InstitutoArcoIris no dia 21/08), com a presença de mulheres ativistas de vários cantos do Brasil que juntas, com o intuito de rememorar a trajetória do movimento construíram um belo acervo histórico (todo o encontro foi gravado e registrado em fotos). Ouvi-las e me aproximar desse movimento tão forte e múltiplo foi engrandecedor. Conhecer as histórias, os problemas enfrentados, os antigos e tão atuais dilemas existentes, sobretudo persistentes dentro de

mais esse campo em disputa na busca por direitos e visibilidade das mulheres, me forneceu um breve e preciso panorama do momento atual que o movimento se encontra, em meio este contexto fortemente fundamentalista e conservador que vivenciamos atualmente.

Foi construtivo, sobretudo, perceber o quanto espaços de discussão feminista e sobre lesbianidades precisam acontecer de forma exclusiva entre mulheres. Como precisamos de espaços não mistos para conseguirmos nos expor, contar sobre nossas individualidades e de fato estabelecermos os caminhos a se trilhar enquanto mulheres negras, não-negras, gordas, com deficiência, lésbicas, bissexuais, transexuais, por fim de culturas, etnias, regionalidades diversas e especialmente, militâncias e formas de ativismo plurais.

ANEXOS:







